



## Qualidade de Morte<sup>37</sup>

**Pedro Henrique Saraiva Leão**

Talvez não seja tema auspicioso para um ano novo, embora todo novo envelheça, e morra. Fala-se muito em qualidade de vida como se não fosse a morte a única certeza nesta tragicômica vida incerta

Edgar Morin (*O homem e a morte*. Lisboa, 1970) cita François de La Rochefoucauld (1613 -1680), celebrado autor de "Maxims"(1665): "Para o sol e a morte não se podia olhar de frente". Atualmente a morte se profissionalizou, existindo mesmo uma "tanatocracia" ("thánatos", do grego: morte), com seus cuidadores paliativistas para os doentes terminais, o que é louvável. Pratica-se, contudo, uma "tanatoindústria": as UTIs, estas modernas catedrais do sofrimento humano.

Abordamos este assunto aqui em 25/6/2007 ("O direito de morrer"), 13/5/2009 ("Ame e deixe morrer") e 13/10/2010 ("Memento Mori"). Dele também cuidaram Elisabeth Kübler-Ross (1969, '75, '81), Jean Ziegler (1977), Philippe Ariès (1982), e Diáulas Ribeiro (S. Paulo: Ed. São Camilo, 2010).

Modernamente surgiu o conceito de autodeterminação do paciente (ou dos seus mais íntimos) em relação à recusa de medidas extremas de tratamento - a chamada "obstinação terapêutica - de alguns uteistas.

Em São Paulo, desde 17/3/1999 está vigorando a Lei 10.241, chamada, curiosamente, Lei Mário Covas, e no seu artigo 2º, § XII, reconhecendo como direito do paciente terminal recusar técnicas dolorosas ou extraordinárias para prolongar-lhes a vida. E, sabiamente, em novembro de 2007, o Conselho Federal de Medicina já aprovara a suspensão dos prolongadores da morte em enfermos incuráveis. Tal é a chamada "eutanásia passiva", desejo explícito, inequívoco do doente (ou de sua família): suspender-se-lhe o tratamento, por não mais haver esperança!

---

37 O Povo, Fortaleza, 5 jan., 2011. Opinião, p. 6.

A despeito dessas cristãs conquistas legais, permanece a resistência da família. Esta, no inadvertido afã de proporcionar tudo ao seu ente querido (ou por inconfessáveis motivos outros), consegue prolongar-lhe o sofrimento, frustrando-lhe, negando-lhe uma morte com dignidade. Reconheço que as UTI's, pela sua biotecnologia complexa, são heróicas, obram milagres nos jovens, ou idosos com chances de recuperação. O mesmo não acontece naqueles FTP (fora de possibilidades terapêuticas), sem jeito. Para estes resta igualmente a ortotanásia, a inevitável morte, sem dor, e com apoio emocional também para sua família.

Afinal, a morte doméstica, entre os seus, olhando seus quadros, escutando suas músicas, e ouvindo "na laranjeira, à tarde, cantar o sabiá", como cantou Casemiro de Abreu. Já livre da monitorização, não mais "money" torado, e antes de partir por uma das mil avenidas que levam à morte, segundo e seguindo Seneca.

Enfim, como afirmou o escritor angolano José Eduardo Agualusa ("milagrário pessoal", R.J., 2010): "A morte vem e resgata-nos. Contudo, não deveríamos ser forçados a sofrer a humilhação da decadência. Isso não".

## Vida: doença incurável?<sup>38</sup>

*Pedro Henrique Saraiva Leão*

A Medicina de Hipócrates atribuía tão somente à força vital a cura das doenças. Os médicos preocupavam-se menos com o diagnóstico do que com o prognóstico, a evolução das moléstias, então "tratadas" pela natureza, ou *vis medicatrix naturae*, a Naturopatia.

Entre tais meios avultavam as ervas, empregadas de modo notional (especulativo), ou por intuição, "con un no saber sabiendo", como dizia São João da Cruz (1542-1591). Isso lembra-nos Shakespeare, em *Mac-beth*, Ato 3, Cena 3: "O que não tem remédio, remediado está".

Posteriormente foram aparecendo miríades de drogas herbáceas (fitoterápicos). Entre as quais a "emetina", da ipepacuanha (para disenteria amebiana); "quinina" ou casca dos Jesuítas (anti-malárico; em doenças cardíacas); "ergotamina" (do esporão de centeio) contra a enxaqueca e na estimulação da musculatura uterina; a "dedaleira" ou digital na insuficiência cardíaca; a "reserpina" (raiz da *Rauwolfia serpentina*) na hipertensão arterial e em estados psicóticos; a "pervinca" (para leucemias); modernamente o *S. adstrigens*, como cicatrizante; a *Menta piperita* e a *Boswellia serrata*, nas colites e no cólon irritável. O "Liptor", redutor do colesterol, também tem origem vegetal, pois primo da levedura vermelha do arroz. Em 10/09/2008 nos reportamos a este assunto aqui ("Chás.com").

Hoje, a moderna ciência biológica, conhecida há menos de 150 anos, aprofundou suas pesquisas, e novos remédios começaram a ser pescados, içados do fundo do mar. Em verdade, a Mãe Terra não nos dá apenas terremotos, nem o mar só tsunamis.

Assim, surgiram os bioprospectores marítimos, ou oceanógrafos, com milhares de organismos terapêuticos: bacteriófagos e fármacos contra certos tipos de câncer. A despeito dos 71 anos da pe-

---

38 *O Povo*, Fortaleza, 30 mar. 2011. Opinião, p. 6

nicilina (1940) e mais de 200 novos antibióticos, nos Estados Unidos registram-se, anualmente, quase 100.000 mortes por infecções resistentes aos antibióticos (revista *Newsweek*, 13/12/2010). Em 2009 um cientista americano, na Flórida, entre microseres marinhos (cianobactérias) descobriu a família *Symploca*, eficaz (em ratos) contra câncer dos cólons, ossos e mamas.

Infelizmente, em relação aos antibióticos, os pesquisadores vêm perdendo seu interesse. Preferem pesquisar drogas contra o câncer, cardiopatias e até calvície. Para eles, mesmo os mais caros (linezolid e daptomicina), geralmente usados apenas por sete dias, vendem, rendem comercialmente menos do que remédios para a vida toda. Pasmem, mas consoante a fonte acima, atualmente apenas 13 das indústrias produzem antibióticos!

Estamos perdendo a luta contra as bactérias pelo mamonismo (culto ao dinheiro), graças à "auri sacra fames", a insaciável fome do ouro. Ou a vida é mesmo uma doença incurável, como afirmou, no século XVII, o poeta, ensaísta inglês Abraham Cowley!